

Ana Carla Pereira Martins Conselho
Carlos Alberto Batista dos Santos
Artur Gomes Dias Lima

INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE DANÇA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a inclusão das pessoas com deficiência, que teve como objetivo identificar os processos de inclusão das PcD em 8 (oito) grupos tradicionais de dança no Semiárido Brasileiro. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os líderes de grupos. Estes, por sua vez, foram: Roda de São Gonçalo e Congos (Juazeiro/BA), Marujada e Roda de São Gonçalo (Curaçá/BA), Samba de Véio e Xirê dos Orixás (Petrolina/PE), Reisado do Lambedor e Xaxado (Lagoa Grande/PE), com foco no conhecimento e inclusão nas manifestações culturais que envolvem a dança. Para tratar os dados, adotamos a Análise de Conteúdo, utilizando-se do *software ATLAS.ti*, que permite a apreciação qualitativa e quantitativa das informações. Os resultados evidenciaram alguns aspectos sobre as características do líder, o modo como agregam novos membros, a presença de pessoas com deficiência visual, auditiva e/ou física/cadeirante nos grupos, além das possibilidades e restrições de participação de PcD nas diversas manifestações culturais.

Palavras-chave: inclusão em dança, manifestação cultural, análise de conteúdo.

INCLUSION OF PEOPLE WITH DISABILITIES IN CULTURAL DANCE MANIFESTATIONS IN THE BRAZILIAN SEMI-ARID REGION

Abstract

This article presents the results of a survey on the inclusion of people with disabilities that aimed to identify the processes of inclusion of PwD in 8 (eight) traditional dance groups in the Brazilian Semi-arid region. Semi-structured interviews were conducted with group leaders. These, in turn, were: Roda de São Gonçalo and Congos (Juazeiro/BA), Marujada and Roda de São Gonçalo (Curaçá/BA), Samba de Véio and Xirê dos Orixás (Petrolina/PE), Reisado do Lambedor and Xaxado (Lagoa Grande/PE), focusing on knowledge and inclusion in cultural manifestations involving dance. To treat the data, we adopted the content analysis, using the ATLAS.ti software, which allows the qualitative and quantitative appreciation of the information. The results showed some aspects about the characteristics of the leader, the way they add new members, the presence of people with visual, hearing and/or physical disabilities/wheelchair users in the groups, in addition to the possibilities and restrictions of participation of PwD in the various cultural manifestations.

Keywords: Inclusion in dance, Cultural manifestation, Content analysis.

INCLUSIÓN DE PERSONAS CON DISCAPACIDAD EN MANIFESTACIONES DE DANZA CULTURAL EN EL SEMIÁRIDO BRASILEÑO

Resumen

Este artículo presenta los resultados de una encuesta sobre la inclusión de personas con discapacidad que tuvo como objetivo identificar los procesos de inclusión de PcD en 8 (ocho) grupos de danzas tradicionales en la región del semiárido brasileño. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con los líderes de grupo. Estos, a su vez, fueron: Roda de São Gonçalo y Congos (Juazeiro/BA), Marujada y Roda de São Gonçalo (Curaçá/BA), Samba de Véio y Xirê dos Orixás (Petrolina/PE), Reisado do Lambedor y Xaxado (Lagoa Grande/PE), con foco en el conocimiento y la inclusión en las manifestaciones culturales que envuelven la danza. Para el tratamiento de los datos, adoptamos el análisis de contenido, utilizando el software ATLAS.ti, que permite la apreciación cualitativa y cuantitativa de la información. Los resultados mostraron algunos aspectos sobre las características del líder, la forma en que incorporan nuevos integrantes, la presencia de personas con discapacidad visual, auditiva y/o física/usuarios de silla de ruedas en los grupos, además de las posibilidades y restricciones de participación de las PcD en las diversas manifestaciones culturales.

Palabras clave: inclusión en la danza, expresión cultural, análisis de contenido.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo prioriza a inclusão de Pessoas com Deficiência (PcD) em manifestações culturais de dança no Semiárido Brasileiro. Compreendemos que esses espaços educacionais não formais proporcionam interações, trocas e conectividades entre os participantes e entre estes e a sociedade. Entendemos que a inclusão não diz respeito apenas à presença de uma pessoa com deficiência em determinados espaços ou em atividades diversas. O conceito vai além e parte da ideia de um espaço onde a PcD encontre acesso para a sua participação ativa, num ambiente sem barreiras ou obstáculos a serem vencidos (MARTINS, 2021). Reconhecemos ainda que a

Eliminação do capacitismo e a superação dos desafios enfrentados pelas pessoas com deficiência dependem não só de políticas públicas e ações governamentais. Dependem também da conscientização social sobre a importância da inclusão e do tratamento justo e adequado para essas pessoas. Assim, conseguiremos tornar a nossa sociedade mais inclusiva, fortalecendo os valores democráticos e contribuindo para um mundo menos desigual (MARTINS, 2021, p. 01).

Segundo o Artigo 215 da nossa Constituição Federal de 1988, “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 2010). A manifestação cultural é um termo usado para descrever expressão de ideias, sentimentos e experiências através de atividades artísticas, sociais, religiosas e outras formas de expressão. Esse tipo de manifestação pode ser entendido como um meio de preservar e transmitir a cultura de uma comunidade ou grupo social.

As manifestações culturais são frequentemente referidas como expressões culturais, pois, elas são usadas para expressar e compartilhar o patrimônio cultural de um grupo, podendo incluir música, dança, artes visuais, literatura, teatro, cinema, culinária, moda, religião, línguas, folclore, história, arquitetura, entre

outras. Elas também podem ser usadas para promover a criatividade e a inovação, ajudando a criar novas ideias, produtos e serviços, bem como novas formas de interação entre as pessoas. Elas também podem ajudar a desenvolver novas formas de entretenimento e educação (SCHISTEK; CARVALHO, 2005; ALMEIDA, 2018). A pauta entre o direito à cultura e a inclusão das PcD nas manifestações culturais de dança será a tônica discursiva deste estudo.

No âmbito do fortalecimento dos valores democráticos e ampliando as discussões sobre a inclusão de PcD, realizamos alguns recortes neste artigo. O primeiro propõe tratarmos das deficiências visuais, auditivas e físicas (paraplegias), em pertinência à publicação da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1976, a *International Classification of Impairments, Disabilities and Handicaps* (ICIDH). No Brasil, foi traduzido como *Classificação Internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagens – CIDID*, em 1989. Após alguns debates críticos sobre o termo “desvantagens” foi publicada a *Classificação Internacional de Funcionalidade Incapacidade e Saúde (CIF)*. Posteriormente, foi publicada a CID-10, de 1993, e atualizada em 2018 pela CID-11, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2022, ambas focam no “diagnóstico” de doenças, distúrbios ou outras condições de saúde. Assim, tanto a CIF como as CID-10 e CID-11 se complementam em informações sobre a funcionalidade do corpo humano (OMS-CIF, 2003).

Vejam as definições apresentadas na CIF sobre as deficiências já mencionadas neste estudo: (i) a deficiência visual refere-se a qualquer redução da capacidade de ver, devido a problemas oculares ou cerebrais, que podem limitar a capacidade de realizar atividades diárias. Pode incluir cegueira total ou parcial, daltonismo, ambliopia, estrabismo, acuidade visual reduzida, baixa visão e outras condições; (ii) a deficiência auditiva configura-se como qualquer nível de perda de audição, que pode ser causada por problemas no ouvido interno, nervo auditivo ou doenças sistêmicas. Pode incluir perda auditiva unilateral ou bilateral, hipoacusia, surdez leve, moderada, severa ou profunda, e outras condições; (iii) a paraplegia/física trata-se de uma incapacidade de movi-

mento dos membros inferiores devido à lesão medular, paralisia cerebral, poliomielite, esclerose múltipla ou outras doenças. Pode incluir paralisia dos membros inferiores, incapacidade de andar, dificuldade de equilíbrio, fraqueza muscular, limitação de movimento, dor crônica e outras condições (OMS-CIF, 2003).

O segundo recorte necessário foi compreender as manifestações culturais como uma forma de expressão que permite às pessoas exprimirem suas opiniões, sentimentos e crenças. Focaremos nas manifestações do Semiárido Brasileiro, região que abriga grande diversidade cultural, fruto de um histórico de resistência, adaptação e criatividade das populações que habitam a região (SCHISTEK; CARVALHO, 2005; ALMEIDA, 2018).

As manifestações culturais no Semiárido Brasileiro são caracterizadas por uma variedade de elementos, resultado de um processo de adaptação dos povos às condições climáticas e às características locais. A música e a dança são manifestações culturais muito presentes, como o forró, o baião, o xote, o maracatu, o coco, entre outras. Trataremos, especificamente, das manifestações culturais Samba de Véio, Reisado, Xaxado, Xirê dos Orixás, Rodas de São Gonçalo, Congos e Marujada. Ressaltamos que esses ritmos são resultados do hibridismo cultural contendo expressões das culturas indígenas, africana e europeia (FLORENCIO; SANTOS, 2020; SCHISTEK; CARVALHO, 2005; ALMEIDA, 2018).

Nesse contexto, o presente estudo nasce da intenção de investigar se existe nos grupos culturais de dança alguma proposta de inclusão das PcD. A questão da pesquisa investiga como ocorre os processos de inclu-

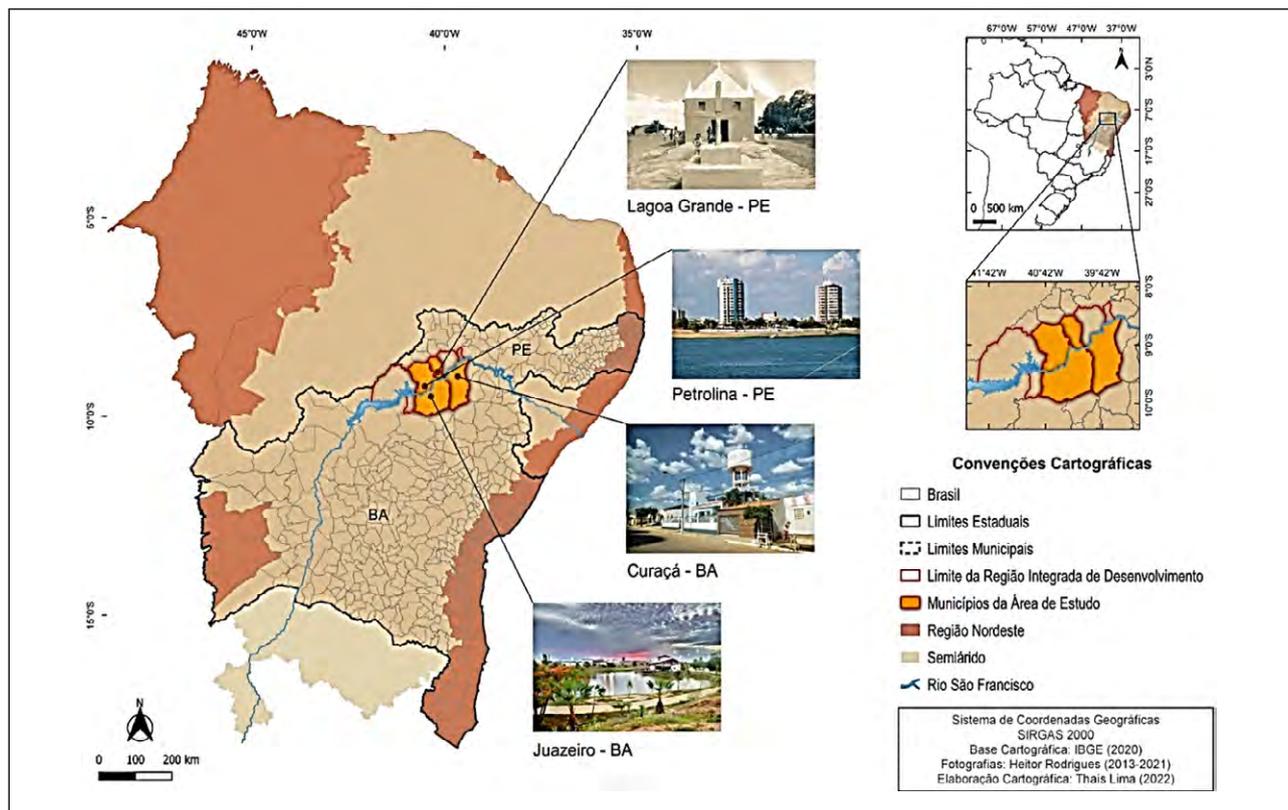
são das Pessoas com Deficiências (PcD) nas manifestações culturais de dança no Semiárido Brasileiro. Nosso objetivo primordial foi identificar os processos de inclusão das PcD em 8 (oito) grupos tradicionais de dança na região. Além disso, buscou-se verificar como se dá os processos de inclusão das PcD nesses grupos e averiguar as possibilidades e restrições na participação de PcD nesses grupos, considerando a natureza de organização de cada uma das manifestações culturais de dança no Semiárido Brasileiro.

2. MATERIAL E MÉTODO

A área de estudo está localizada no norte do estado da Bahia e sudoeste do estado de Pernambuco, especificamente, nas cidades de Juazeiro e Curaçá, na Bahia e Petrolina e Lagoa Grande, em Pernambuco. Nossa escolha foi referendada pelo número de habitantes e proximidade regional, bem como suas características produtivas e afinidades culturais. Juazeiro é a quinta cidade na classificação por número de população do estado da Bahia, numa estimativa de 216.707 habitantes e Curaçá, por sua vez, é a 79ª cidade, com 34.700 habitantes; são 100 km de distância entre as duas cidades. O município de Petrolina é a quinta cidade do estado de Pernambuco, com 349.145 habitantes e Lagoa Grande é a 84ª cidade, com 25.601 habitantes, separadas por 52,9 km de distância (IBGE, 2018).

A área de abrangência da pesquisa (Figura 1) possibilita a construção de uma cartografia de expressões culturais tradicionais no semiárido nordestino, numa região marcada pela presença do rio São Francisco que influencia nas expressões culturais, através das lendas, danças, cantos e contos populares.

Figura 1 – Mapa da região dos 4 (quatro) municípios em estudo.



Fonte: Acervo dos autores.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, com o CAAE: 2 43348221.7.0000.0057.

Para coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, técnica que permite flexibilidade na obtenção de informações detalhadas (BAUER; GASKELL, 2002). As entrevistas envolveram lideranças de oito grupos tradicionais de dança nos quatro municípios selecionados, sendo duas manifestações culturais de dança por município: Roda de São Gonçalo (Juazeiro e Curaçá), Reisado, Samba de Véio, Xirê dos Orixás, Marujada, Xaxado e Congos.

Antes de cada entrevista, foi explicitada a natureza e os objetivos da pesquisa e solicitada a permissão aos entrevistados para registro das informações através da apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram gravadas para posterior transcrição e análise, sendo todas as informações consideradas. Quando um entrevistado

incluído na amostra não era alfabetizado, foi representado e auxiliado por um familiar alfabetizado.

As entrevistas apresentaram perguntas sobre: i) perfil socioeconômico do líder; ii) dados históricos de cada grupo tradicional; iii) o modo como agregam novos membros; iv) inclusão de PcD visuais, PcD auditivas e/ou PcD física/cadeirantes no grupo; v) fatores que facilitam e/ou impedem a inclusão de pessoas com deficiências e ainda questionamentos envolvendo aspectos socioeconômicos dos entrevistados. As questões socioeconômicas, além de permitirem analisar o perfil dos participantes da pesquisa, forneceram subsídios para verificarmos se o conhecimento está associado ao poder aquisitivo e/ou à projeção social dos indivíduos, ou grupos familiares.

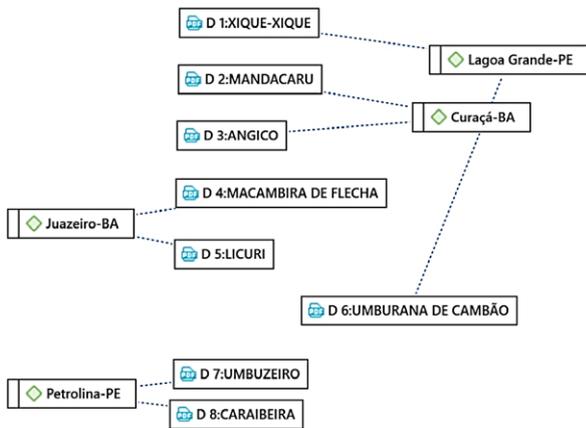
Para a análise dos dados, foi utilizado a Análise do Conteúdo (BARDIN, 2002), caracterizada pela interpretação qualitativa, que envolve a identificação, codificação e categorização dos dados coletados. O objetivo foi

identificar padrões e tendências nos dados, bem como descobrir significados e relações entre eles (BAUER; GASKELL, 2002). Por meio da leitura flutuante das transcrições das entrevistas, elencamos alguns códigos utilizando o *software ATLAS.ti* (FRIESE, 2022), que permitiu a análise qualitativa e quantitativa dos dados, com o intuito de evidenciar os processos mais significativos de inclusão de PcD nos grupos pesquisados, tomando por base as falas dos entrevistados (BARDIN, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando a preservação da identidade dos informantes desta pesquisa, optamos por adotar nomes de árvores da caatinga (SOUZA, 2021) como codinomes para cada um dos entrevistados. Assim, relacionamos na figura 2, cada líder com um nome de árvore e a sua localidade.

Figura 2 – Rede dos codinomes dos líderes e os municípios em estudo.



Fonte: Acervo dos autores – ATLAS.ti 22.

Para representar a frequência das palavras presentes nas entrevistas com as falas dos líderes, produzimos duas nuvens de palavras. A Figura 3 apresenta uma nuvem com o resultado de todas as entrevistas: a palavra “gente” tem maior ocorrência do que as demais, com 486 citações. As palavras com menores ocorrências, “família”, “tempo” e “trabalho”, possuem 49 citações cada. A partir dessa nuvem, é possível mensurarmos as dimensões humanas nos grupos pela frequência da palavra “gente”, relacionada às pessoas, além das temáticas mais relevantes dentro das falas dos líderes, tais como “grupo”, “pessoa(s)”, “roda”, “comunidade”, etc., o que demonstra o valor das rela-

ções interpessoais e o senso de coletividade nos grupos culturais de dança investigados.

Figura 3 – Nuvem de palavras das entrevistas com os líderes.



Fonte: Acervo dos autores – ATLAS.ti 22

Em relação aos aspectos socioeconômicos, destaca-se que a maioria tem nível superior (57,14%), são servidores públicos e tem uma renda mensal entre dois e quatro salários-mínimos.

Os dados demonstram que o conhecimento intelectual está associado ao poder aquisitivo dos líderes, principalmente, entre aqueles que têm formação superior. Assim, a formação acadêmica e as atividades profissionais dos líderes (Figura 4) proporcionam uma formação artístico-cultural para a atuação como lideranças nos grupos. Por outro lado, são 42,86% dos líderes sem formação acadêmica. No entanto, Gohn (2015) destaca que as experiências artístico-culturais vivenciadas junto aos antecessores, proporcionam às lideranças a aquisição dos saberes culturais tradicionais necessários à sua atuação no grupo cultural.

Figura 4 – Rede das atividades profissionais dos líderes das manifestações culturais.

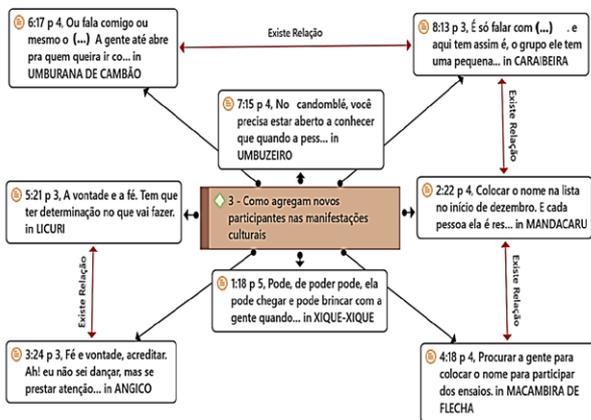


Fonte: Acervo dos autores – ATLAS.ti 22.

Verificou-se que cada grupo tem as suas especificidades e articulam de modo diferente a recepção de novos membros. Na maioria dos grupos, com 87,50%, qualquer pessoa pode participar desde criança até idosos,

com deficiência ou não. Porém, em 50% dos grupos, é necessário procurar o líder para receber as primeiras orientações e poder participar efetivamente. Na Figura 5, podemos observar quais os primeiros passos a serem seguidos por novos participantes com o intuito de se tornarem membros dos grupos culturais.

Figura 5 – Rede como agregam novos participantes nas manifestações culturais.



Fonte: Acervo dos autores – ATLAS.ti 22.

Em relação à inclusão de uma PcD nos grupos, entre as falas apresentadas sobre a inclusão PcD física/cadeirante, três líderes expressaram as suas experiências da participação de PcD física/cadeirantes nas suas danças. Afirmando que essas pessoas não andam, mas têm alegria, que podem participar cantando, batendo palmas, dançando na cadeira e trazendo muita felicidade e vibração (Figura 6).

Os grupos dos Congos, Marujada e Samba de Véio se mostraram mais abertos à inclusão de PcD física/cadeirantes. Já a Roda de São Gonçalo (tanto em Curaçá quanto em Juazeiro) colocaram esse tipo de deficiência com maiores restrições em relação à possibilidade de participação. Alegam que não se pode ignorar a dificuldade aos ‘trocados’ realizados durante a dança. Esses líderes referem-se ao conceito de capacitismo, o qual se baseia na crença de que as PcD físicas são incapazes de desempenhar determinadas tarefas ou atividades, como, por exemplo, executar os trocados, que consiste em tocar nos pés, tornozelos, ombros do seu companheiro, na hora da dança. Assim, ao limitar o acesso de PcD física/cadeirantes à roda de São Gonçalo, a

atitude reflete a discriminação que o capacitismo promove e, conseqüentemente, gera a exclusão das pessoas (CHARLOT, 2000; IVANOVICH; GESSER, 2020).

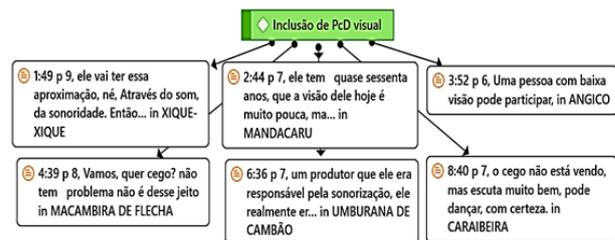
Figura 6 – Rede sobre a Inclusão de PcD física/cadeirante nos grupos.



Fonte: Acervo dos autores – ATLAS.ti 22.

Quando à inclusão de PcD visual, os líderes dos grupos ponderaram que ela é possível e relataram a participação de algumas pessoas com deficiência visual nos seus grupos. Apontaram que a inclusão traz muitos benefícios para aqueles que são incluídos, pois dá a essas pessoas a oportunidade de interagir com outras, auxiliando no desenvolvimento de habilidades sociais, como a comunicação. Além disso, a inclusão ajuda a aumentar a consciência e a compreensão de outras culturas e tradições, o que enriquece a experiência de todos os envolvidos. A inclusão também ajuda a reduzir a discriminação, promove um ambiente mais integrativo e aceitável e permite que as PcD se sintam parte de algo maior, o que é importante para seu bem-estar mental e emocional. Apenas uma das lideranças se mostrou contrário à participação de PcD visual no momento das rodas, pois, segundo ele, uma PcD visual não consegue realizar os trocados durante a dança, por não enxergar o seu companheiro de dança.

Figura 7 – Rede sobre a Inclusão de PcD visual nos grupos.

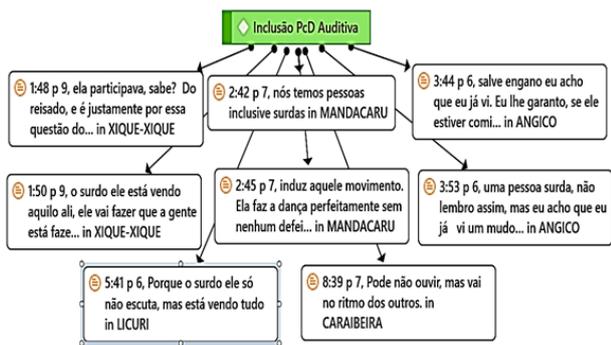


Fonte: Acervo dos autores – ATLAS.ti 22.

Sobre a inclusão de PcD auditiva, os entrevistados relataram a participação dessas pessoas em suas manifesta-

ções. No momento das entrevistas, foi possível perceber que a PcD auditiva tinha mais possibilidades de participar em todos os grupos, nenhum líder colocou impedimentos quanto a essa deficiência.

Figura 8 – Rede sobre a Inclusão de PcD auditiva nos grupos.



Fonte: Acervo dos autores – ATLAS.ti 22.

Para verificar o que facilita e/ou restringe a inclusão de pessoas com deficiências nas manifestações culturais de dança, perguntamos aos líderes, entre as deficiências elencadas neste estudo (auditiva, visual e física/cadeirante) quais são as possibilidades de serem incluídas. Então, eles pontuaram os tipos de deficiências possíveis de participar (Figura 9). Percebe-se equilíbrio em termos percentuais gerais. Nesse aspecto, o elemento dança configura-se como um lugar de encontro, de partilha e interações entre os seus integrantes, possibilitando a inclusão das PcD (LOPES, 2015). Além de efetivar os processos de aprendizagens da educação não formal, como o desenvolvimento da autonomia, criatividade, expressão corporal, desinibição, confiança, habilidades de comunicação, socialização, capacidade de trabalho em equipe, entre outros (GOHN, 2015).

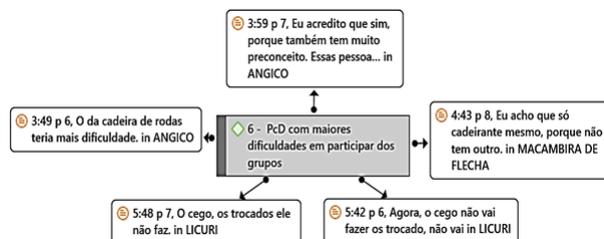
Figura 9 – Gráfico das possibilidades de os grupos incluírem PcD nas manifestações culturais de dança.



Fonte: Acervo dos autores.

A Figura 10, apresenta as restrições citadas pelos grupos para inclusão de PcD nas suas manifestações.

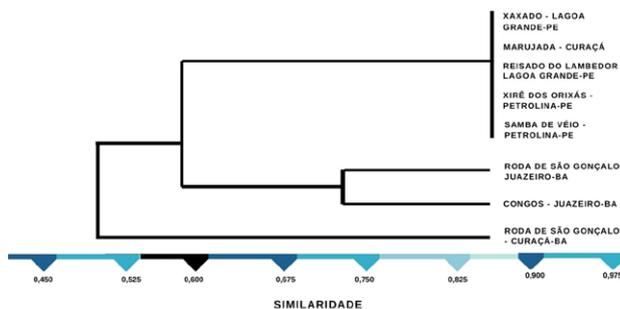
Figura 10 – Rede das falas dos líderes sobre as PcD com maiores dificuldades em participar dos grupos.



Fonte: Acervo dos autores – ATLAS.ti 22.

Analisando-se a similaridade entre os grupos acerca da inclusão, os grupos do Xaxado, Reisado do Lambedor, Xirê dos Orixás, Samba de Véio e da Marujada apresentam mais similaridades. Os grupos das Rodas de São Gonçalo e dos Congos foram os que apresentaram maiores restrições à inclusão de PcD em suas atividades culturais/religiosas (Figura 11).

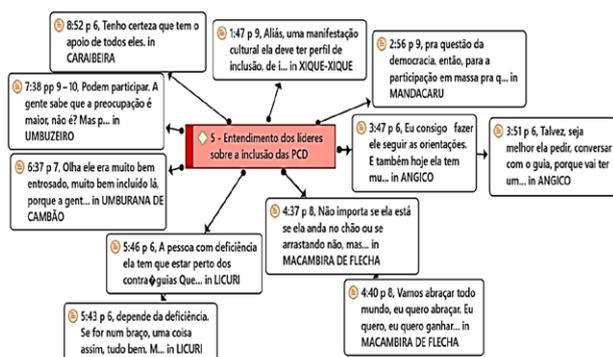
Figura 11 – Gráfico das Semelhanças sobre a inclusão entre os grupos.



Fonte: Acervo dos autores.

Nas falas apresentadas na Figura 12, é possível elencar alguns entendimentos construídos pelos líderes dos grupos relativos à inclusão das PcD nas manifestações culturais. De modo geral, percebe-se que os grupos entendem intuitivamente sobre a inclusão das PcD e estas são bem recebidas por todos. Vale ressaltar que, durante as visitas guiadas aos grupos, em dias de apresentações e/ou comemorações, registram-se ações e atitudes inclusivas sempre que comparecia uma PcD nos eventos.

Figura 12 – Rede do entendimento dos líderes sobre a inclusão das PcD.



Fonte: Acervo dos autores – ATLAS.ti 22.

As falas expostas na rede da figura 12 reverberam um entendimento sobre a inclusão por parte dos líderes, quando estes apontam que os espaços culturais devem ser espaços democráticos e inclusivos. Neles, todos os participantes apoiam e ajudam na inclusão, além de confirmarem que em algum momento, todos os grupos já tiveram alguma experiência com PcD. Estas experiências foram movidas pelo acolhimento dentro da dinâmica social de cada grupo, ou seja, ocorreu a inclusão das PcD nesses ambientes culturais (SANTOS, 2016).

Registramos aqui que, mesmo sem apoio de políticas públicas e orientação de especialistas, os grupos de manifestações culturais incluem PcD e utilizam a dança como um elemento inclusivo (LOPES, 2015), caracterizando, assim, uma educação não formal, emancipatória e dialógica nesses grupos (GOHN, 2015; GONÇALVES; BOMFIM, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados trazem como foco os diversos contextos inclusivos nos grupos das manifestações culturais de dança, que transformam, mesmo que de forma lenta, as concepções da dança em si, para a dança inclusiva e integrativa, nos mais variados espaços populares, a partir das intervenções já realizadas com os diversos tipos de deficiências. Notamos que se faz necessário a construção de parcerias entre profissionais de dança e cultura com os PcD, na discussão e implementação de ações que favoreçam a inclusão.

Destacamos que existe inclusão de PcD nos ambientes culturais educativos não formais e os processos de inclusão se dão de um modo espontâneo e intuitivo dentro das vivências de cada grupo. A pesquisa destaca que os caminhos da inclusão de PcD nas manifestações culturais demonstram que a dança é um elemento inclusivo e que possibilita a educação não formal na sociedade atual.

Esta pesquisa traz uma abordagem plural, no intuito de repensar os corpos periféricos, considerados anormais ou deficientes, uma vez que esses corpos infundem os discursos e animam as diversas práticas. Nesses ambientes culturais, circulam os discursos, as palavras, as imagens e as mensagens verbais e não verbais dos direitos de cada cidadão e que, muitas vezes, por conta das experiências excludentes vivenciadas por esses atores sociais, não admitem a exclusão de qualquer outro semelhante. Estudos nessas áreas são relevantes para valorização da cultura “popular” como um local de inclusão, demonstrando que esses espaços são abertos, livres e inclusivos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gabriela Macêdo Aretakis de. (2018). Modificações na paisagem do semiárido brasileiro: influência humana e ambiental. (Tese Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BARDIN, Laurence. (2002). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). (2002). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guaresch, 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

BRASIL (2010). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Brasília. Acessado em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/constituicao-federal.asp#/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.

CHARLOT, Bernard. (2000). **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista. (2020, junho). Rodas de Fé: Manifestações Religiosas na Região do Submédio São Francisco. **Revista Identidade!**, v. 25, n. 1, p. 90-102. Acessado em: <http://est.com.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/3900>.

FRIESE, Susanne. (2022). **ATLAS.ti Scientific Software Development GmbH**. Versão do documento: 22.1.0.222 (19.07.2022 21:19:05), 2022. Acessado em: <https://atlasti.com/de/research-hub/qualitative-analysesoftware>.

GOHN, Maria da G. (2015). **Educação não formal no campo das artes**. v. 57. (Coleção questões da nossa época), Cortez.

GONÇALVES, Maria Elizabeth Souza; BOMFIM, Luciano Sergio Ventin. (2021, outubro). Pensamento/ação freiriano: pistas para uma epistemologia descolonial que cimente uma Ecologia Humana contra-hegemônica. **Praxis educativa**, v. 16, p. 1-15. Acessado em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092021000100215&script=sci_arttext.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. (2018). Diretoria de Pesquisas - DPE – **Coordenação de População e Indicadores Sociais** – COPIS. Acessado em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/7d410669a4ae85faf4e8c3a0a0c649c7.pdf.

IVANOVICH, Ana; GESSER, Marivete. (2020, dezembro). Deficiência e capacitismo: correção dos corpos e produção de sujeitos (a)políticos. **Quadernos de Psicologia**, vol. 22 nº 3. Acessado em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v22-n3-friggi-marivete>.

LOPES, Keyla Ferrari; ARAUJO, Paulo Ferreira de; BERNABE, Rosângela. (2015). **Um Encontro pela Dança**. Trajetórias e Conquistas. São Paulo: Phorte Editora.

MARTINS, Beatriz Cukierkorn et al. (2021, novembro). Capacitismo e os desafios das pessoas com deficiência: Politize, Equidade, Direitos das Pessoas com Deficiência. Instituto Mattos Filho: **Politize**. Acessado em: <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/capacitismo-e-os-desafios-das-pessoas-com-deficiencia/>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (2003). **CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. Tradução Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para a Família de Classificações Internacionais. São Paulo: Edusp.

SANTOS, Wederson. (2016, outubro). Deficiência como restrição de participação social: desafios para avaliação a partir da Lei Brasileira de Inclusão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 3007-3015. Acessado em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/fWKh6cB9KCYHTKxJfGdgF7m/?lang=pt&format=html>.

SOUZA, Elizângela Maria de. (Org.). (2021). **Plantas da caatinga: um olhar multidisciplinar**. IFSertão-PE.

SCHISTEK, Haroldo; CARVALHO, Luzineide D. (2005). **Formação Histórico-Geográfico do Semi-Árido brasileiro**. Juazeiro: IRPPA.

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de expressar meu profundo agradecimento ao programa de bolsas da Uneb - PROGPEQ por conceder-me a valiosa bolsa de estudo. Também desejo agradecer ao professor Roberto Remígio Florêncio, professor de Língua Portuguesa do IF Sertão Pernambucano, campus Petrolina Zona Rural, por sua contribuição na revisão textual extremamente útil.

OS AUTORES

Ana Carla Pereira Martins Conselho

Professora de Língua Portuguesa, Doutoranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH), bolsista do PROGPEQ, pela UNEB, mestra em Literatura de Língua Portuguesa: Invest. e Ensino, pela Universidade de Coimbra, especialista em Português e Educação, pela Universidade de Coimbra (2009), como também, em Libras, pela UNIVASF, graduada em Letras com Espanhol, pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Literatura, Didática e Comunicação. Atua como professora de Língua Portuguesa, no Colégio da Polícia Militar de Pernambuco, Anexo I, Petrolina-PE. Doutoranda do PPGEcoH, Campus III, Uneb. Email: anacarlaconselho@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2070-8930>

Carlos Alberto Batista dos Santos

Carlos Alberto Batista dos Santos: Biólogo/Etnobiólogo. Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE). Mestre em Zoologia (UESC). Atua na área de Zoologia, Conservação da Biodiversidade, Etnozoologia e Etnoecologia. Professor da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Coordenador e Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental DTCS/UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa em Etnobiologia e Conservação dos Recursos Naturais (UNEB), Pesquisador do OPARÁ: Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação (UNEB) Professor Doutor do PPGEcoH, Campus III, Uneb. Email: cabsantos@uneb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2049-5237>

Artur Gomes Dias Lima

Artur Gomes Dias Lima, Biólogo/Parasitologista, Doutor em Biologia Parasitária pela Fundação Oswaldo Cruz – IOC/Fiocruz, Mestre em Ciências Biológicas (Entomologia) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia, Docente em Ecologia Médica e Orientador do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana – PPGEcoH da Universidade do Estado da Bahia. Sócio e Conselheiro da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH. Representante da Regional Bahia de Parasitologia. Professor Pleno da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Professor Adjunto da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Curador da Coleção Entomológica Mangabeira & Sherlock. Tem experiência na área de Zoologia Médica, Entomologia Médica e Parasitologia Geral. Estudioso em impactos ambientais e doenças transmitidas por vetores. Professor Doutor do PPGEcoH, Campus III, Uneb. Email: agdlima@uneb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1656-9598>